

1 INTRODUÇÃO

Como desempregados, estratificados por perfis educativos, mobilizam repertórios de acesso a empregos? Dedicado a esse questionamento, este artigo analisa os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) e as entrevistas desenvolvidas pela pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo. Assegurando as condições de comparabilidade, uma categoria oficial³ que define aqueles em situação de desemprego – indivíduos em idade ativa, sem trabalho, que tomaram medidas recentes para lograr o ingresso em ocupações – servirá como um mínimo denominador comum. Desse modo, esta investigação assume um objetivo duplo: verificar quais repertórios de acesso a empregos são evocados como mais importantes e de que forma os indivíduos significam tais práticas.

A primeira iniciativa se pauta pela elaboração de medidas descritivas, bem como pela estimativa de parâmetros para a população total. Com esse intento, faço uso da PNAD Contínua em sua divulgação trimestral, observando as principais providências de procura por trabalhos entre o quarto trimestre de 2015⁴ e o quarto trimestre de 2018. Em seguida, detenho-me no quarto trimestre de 2018, verificando as frequências para cada nível educativo. É importante ressaltar que o período foi atravessado por uma grave crise econômica, que abarcou, segundo o Comitê de Datação de Ciclos Econômicos da Fundação Getúlio Vargas (CODACE/FGV), o ínterim entre o segundo trimestre de 2014 e o quarto trimestre de 2016.

Já a segunda iniciativa aborda a dimensão biográfico-subjetiva do desemprego (Guimarães, 2002), e novamente os níveis educativos servirão para estratificar os desempregados. Para tanto, examino a forma com que a exclusão laboral e as tentativas de inserção ocupacional são experimentadas e significadas pelos indivíduos no decorrer de suas trajetórias. Assim, desenvolvo uma abordagem lexical, produzindo classes vocabulares reportadas ao banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo, para em seguida apresentar uma análise mais detida das falas, a partir da codificação das entrevistas.

2 PROCURA POR EMPREGOS NA PNAD CONTÍNUA

A PNAD Contínua capta qual providência de procura por trabalhos, entre uma série de medidas listadas, foi considerada a prioritária no mês de referência. Desse modo, os dados evidenciam como os indivíduos mapeiam, em um contexto de crise e fechamento de postos de trabalho, seguido por uma lenta recuperação econômica, suas oportunidades de inserção ocupacional.

Entre os últimos trimestres de 2015 e 2018, a opção pelo contato direto com o empregador expressou uma tendência positiva praticamente constante, saltando de 70% para 79,7%. Este crescimento foi balanceado, sobretudo, pelos decréscimos no engajamento em agências de emprego (públicas e privadas) e sindicatos, de 8,6% para 4,7%; na utilização de anúncios de trabalho em jornais e revistas, de 5,5% para

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/bapi23art8>

2. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

3. Definida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em consonância com pesquisas no âmbito internacional.

4. No quarto trimestre de 2015, foram feitas alterações metodológicas a respeito das providências de procura laboral, o que me levou a iniciar a série histórica nesse período.

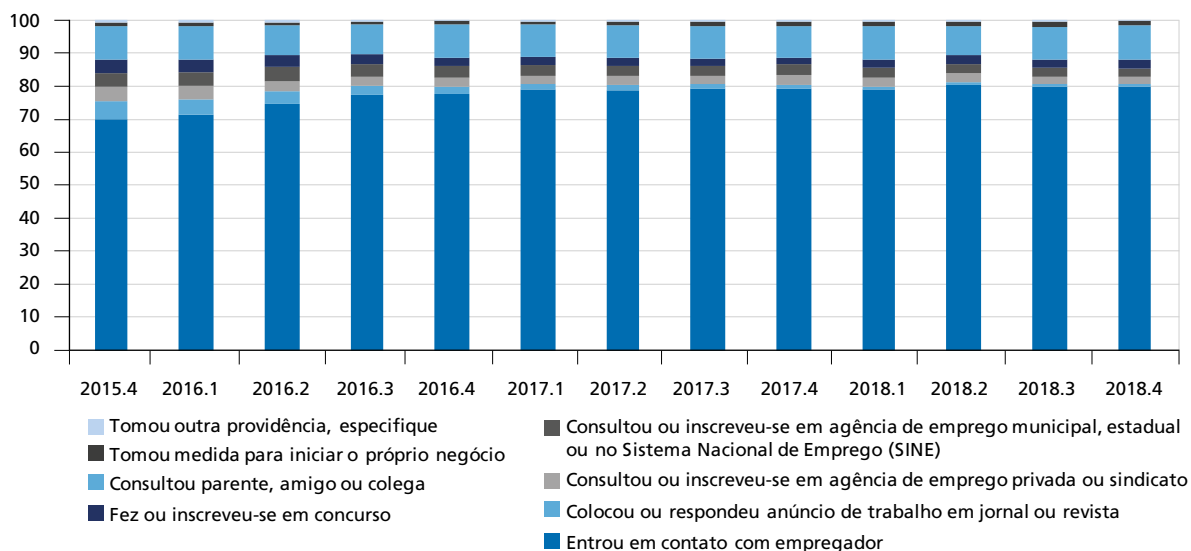
0,8%; e na inscrição e realização de concursos públicos, de 4,2% para 2,5%. Já a consulta por parentes, amigos ou colegas se manteve praticamente inalterada, variando entre 10,3% e 10,5% no íterim.

De maneira geral, os dados revelam o fortalecimento dos repertórios informais de procura laboral durante a recessão econômica, em detrimento dos vínculos institucionais, com frequências notadamente baixas. Em uma tendência já apontada por Ramos, Lobo e Anze (2015, p. 43), os trabalhadores tendem a recorrer ao seu “universo próximo” na procura por empregos, comportamento que se fortaleceu com a crise.

GRÁFICO 1

Brasil: principal providência para a procura por empregos (2015-2018)

(Em %)



Fonte: PNAD Contínua.

Elaboração do autor.

Ao nos debruçarmos sobre o quarto trimestre de 2018, chama a atenção que, em todos os níveis de escolaridade, o contato direto com o empregador despontou como a providência mais importante de obtenção de trabalhos, indo de 71,8% para indivíduos sem ensino fundamental⁵ até 84% para indivíduos com ensino médio completo. Todavia, o maior registro de contato com parentes, amigos ou colegas ocorreu para os indivíduos com baixa escolaridade, destacando-se os 22,2% para os respondentes sem ensino fundamental, em oposição a apenas 4,6% dos indivíduos com ensino superior completo. Já a inscrição em concursos, embora com frequência relativa reduzida, encontrou maior respaldo nos indivíduos com ensino superior (13,7%), em contraste ao grau quase nulo de respostas nos outros níveis de escolaridade. Finalmente, o engajamento em agências de emprego (públicas e privadas) e sindicatos variou entre 3,6% (ensino superior completo) e 5,1% (ensino médio completo).

Cabe ressaltar que o teste qui-quadrado constatou uma associação significativa entre o perfil educativo e as providências de procura ($p < 0,05$), ainda que essa associação tenha sido considerada de baixa intensidade, tal como revelado pelo V de Cramer (0,185).

5. Para todos os procedimentos metodológicos, utilizei os seguintes níveis educativos: indivíduos sem ensino fundamental, indivíduos com ensino fundamental completo, indivíduos com ensino médio completo e indivíduos com ensino superior completo.

3 ANÁLISE LEXICAL DAS ENTREVISTAS

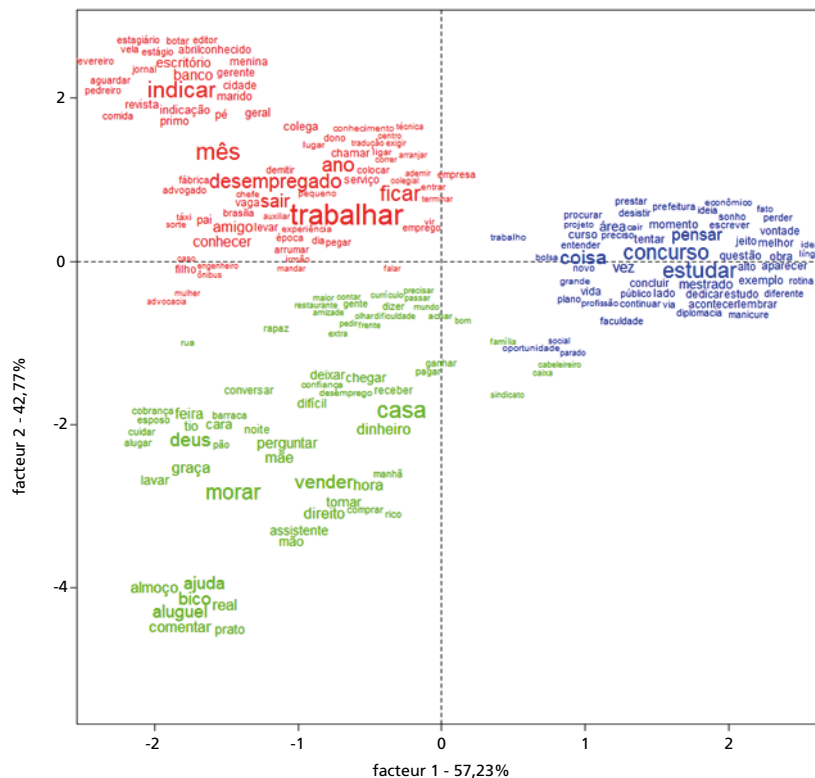
A partir daqui, debruço-me sobre o banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo, composta por 625 entrevistas em profundidade desenvolvidas com moradores de cidades brasileiras de médio e grande porte. Como empreitada inicial, as entrevistas foram alvo de uma busca por radicais-chave (“empreg”, “trabalh” e “ocup”), o que permitiu a seleção de 74 entrevistas que relataram, com uma oferta satisfatória de dados, a mobilização de providências para a obtenção de empregos no decurso das biografias.

Em seguida, os trechos das falas compuseram um *corpus* próprio, adaptado ao *software* Iramuteq. Como técnica de análise, optei pela classificação hierárquica descendente (CHD), também conhecida como método de Reinert. Voltada à criação de classes lexicais, a CHD cruza os vocabulários em suas formas reduzidas⁶ por meio de repetidos testes qui-quadrado, agrupando os segmentos de texto a partir das frequências e correlações entre as palavras.

Por conseguinte, o *corpus* foi dividido em 553 segmentos de texto, com o aproveitamento de 84,09%, e anotaram-se 2.680 formas vocabulares, atingindo 18.800 ocorrências. A CHD apartou dois grupamentos de classe: de um lado, as classes 1 (33,1% dos segmentos de texto) e 2 (18,7%); de outro, a classe 3 (48,2%).

A seguir, a figura 1 apresenta uma análise fatorial de correspondência (AFC), que insere em um plano fatorial as classes, separadas por cores, e as palavras que lhes dão substrato.

FIGURA 1
AFC para os repertórios de acesso a empregos



Fonte: Radiografia do Brasil Contemporâneo.
Elaboração do autor.

Obs.: Figura reproduzida em baixa resolução e cujos leiaute e textos não puderam ser padronizados e revisados em virtude das condições técnicas dos originais (nota do Editorial).

6. Ou seja, a partir de suas raízes.

Logo de início, chama atenção que a classe 3 (azul) reporta-se fundamentalmente a repertórios de investimento educativo, vinculados ao engajamento em cursos e concursos públicos. Traduzindo uma dedicação pessoal de longa duração, são anotados vocabulários que expressam o planejamento do cotidiano, conjugando rotinas de estudo e de participação institucional. Pelo teste qui-quadrado, é possível cruzar os níveis educativos dos interlocutores com as classes vocabulares, o que denota, para a classe 3, uma associação significativa ($p < 0,05$) com o ensino superior completo.

Enquanto isso, as classes 1 (vermelho) e 2 (verde), como integrantes de uma mesma ramificação, denotam repertórios mais imediatos e instáveis de procura por trabalhos. Assim, a classe 2 ilustra medidas emergenciais de inclusão laboral, a partir de “bicos” e do trabalho autônomo, corriqueiramente iniciado sem muitos recursos. Também chamam a atenção vocabulários que revelam o baixo proveito de necessidades básicas, ressaltando a alimentação e a busca por ajuda. Ainda que nessa classe seja possível observar o auxílio de pessoas próximas, como os amigos que ajudam na distribuição de currículos, é na classe 1 que a mobilização de contatos ganha maior ênfase. Além da mudança no ambiente de trabalho (diferenciando a feira e a rua dos escritórios e das fábricas), esta classe abarca vocabulários direcionados à indicação de empregos, à importância dos conhecidos, à busca por estágios e à facilitação no acesso a vagas. É importante notar que, enquanto a classe 2 apresenta uma associação significativa com o ensino fundamental incompleto, a classe 1 evidenciou um perfil mais disperso.⁷

4 CATEGORIZAÇÃO DOS REPERTÓRIOS DE ACESSO A EMPREGOS

Para complementar esses achados, as entrevistas foram submetidas a um novo exame, o que permitiu uma codificação de cunho qualitativo realizada pelo próprio pesquisador por meio do *software* Atlas.ti. Nesse caso, os trechos de fala foram agrupados e separados a partir dos seus conteúdos, iniciativa que permitiu a elaboração de categorias temáticas,⁸ entre elas os repertórios de acesso ao emprego, objeto deste artigo.

Contando com 215 marcações, tal categoria foi alvo de uma divisão interna, expressa nas subseções seguintes. Estas tratam das estratégias utilizadas para a inserção laboral, desde medidas imediatas, dadas a cabo em situações de grave insegurança financeira, até ações planejadas e pautadas em uma temporalidade estendida. Em cada subseção, serão apresentadas falas entendidas como ilustrativas, cuja identificação dos entrevistados ancora-se em sexo, idade, escolaridade e cidade de residência.

4.1 Utilização de contatos pessoais

Neste eixo temático, as falas destacam o usufruto de contatos para o acesso a informações sobre processos seletivos, da mesma forma que podem garantir indicações para a ocupação de postos de trabalho.

Mas hoje a gente nem está se falando tanto porque cada um está fazendo uma coisa da vida. Foi ela [amiga] que me indicou para o emprego na embaixada da Índia, pois ela viu no Facebook e me avisou que tinha uma vaga aberta (homem, 29 anos, ensino superior completo, Brasília/Distrito Federal).

Um dia, eu estava em casa, meu filho tinha um ano e meio, a dona de uma escolinha que tinha em frente à casa de meu pai me chamou – dizem que emprego não bate na porta de casa, mas dessa vez bateu na minha porta – e falou: “[Nome], eu sei que você tem pedagogia, e estou precisando de uma pedagoga para assinar os documentos da escola. Você vai?”. Eu respondi: “Tudo bem, vou lá ver essa proposta”. E fiquei trabalhando lá quase dois anos (mulher, 44 anos, ensino superior completo, Osasco/São Paulo).

7. Não apresentando uma associação significativa com os níveis educativos utilizados.

8. A categorização foi realizada por apenas um pesquisador, no caso o autor deste estudo. Certamente, essa medida traz consigo uma fraqueza metodológica, a ser enfrentada em esforços posteriores.

Surgiu esse trabalho lá no polo petroquímico. Minha colega, minha irmã... nessa época surgiu assim, o Pão de Açúcar, negócio de refeitório, todo mundo foi. Minha irmã começou a trabalhar. Fiz a inscrição junto com ela, ela começou a trabalhar primeiro. Depois minha colega, do próprio colégio em que eu estudava, disse: “Não fique triste não, daqui a pouco você vai ser chamada”. Mas como? Ela já conhecia o rapaz, o gerente, mandou meu nome, foi rapidinho. Eu fui e trabalhei no polo. (...) Depois teve a eleição dos rodoviários, aí minha irmã, como eu ia fazer uma cirurgia, ficou no meu lugar. Depois fiquei em casa fazendo esses bicos aí. Daqui a pouco: “[Nome], vai surgir uma vaga lá no Sindicato da Construção Civil”. Então está bom. E meu padrinho, ele era exatamente do partido. Aí ele fez assim: “A mulher tem que trabalhar, se casar já com emprego, porque se você se casar seu marido não vai deixar você trabalhar, e mulher tem que ser independente. Eu vou arrumar um emprego para você”. Ele ligou para mim e eu vim trabalhar aqui. Foi aí que eu consegui esse emprego aqui (mulher, 53 anos, ensino fundamental completo, Salvador/Bahia).

Para alguns entrevistados, a mobilização de contatos alcança vínculos mais distantes do ego, revelando a circulação de informações e de oportunidades em uma rede mais abrangente. A relação entre parentes baseia-se fortemente nessa modalidade de entreatajuda, ampliando o acesso a oportunidades para além do círculo familiar mais restrito.

Através de uma conhecida da minha tia, a madrinha dos meus primos. Ela tinha uma irmã que tinha um filho, e ela trabalhava o dia todo, não tinha com quem o menino ficasse, aí acabou me indicando. (...) Através do meu pai, porque ele fez um serviço nessa lavanderia, aí ele falou com o dono para me colocar lá (mulher, 30 anos, ensino fundamental completo, Natal/Rio Grande do Norte).

Minha mãe frequenta a igreja São Camilo, o ambulatório faz parte da igreja São Camilo, e eles estavam precisando de uma auxiliar em saúde bucal. Comentaram – a assistente social me conhecia, é amiga da minha mãe – sobre eu estar desempregada e me chamaram perguntando se eu queria trabalhar (mulher, 26 anos, ensino médio completo, cidade do Rio de Janeiro).

4.2 Engajamento em concursos públicos

Outros entrevistados, por sua vez, relatam a dedicação a concursos públicos, iniciativa descrita como um investimento pessoal fundado em extensas jornadas de entrega aos estudos.

O concurso é muito caro, de diplomacia brasileira. É um concurso extremamente difícil, em que demoramos anos para passar. Por mais preparado que você esteja, por mais que você saiba todo o conteúdo, você passa por uma prova extremamente cansativa. E às vezes você chega muito perto, às vezes não. (...) Foi só estudando, sem nenhum tipo de trabalho, e só estudando para esse concurso específico para diplomacia. E enquanto esperava outro eu sempre dava uma lida em outros concursos para ver se passava em alguma outra coisa (homem, 35 anos, ensino médio completo, Cabo de Santo Agostinho/Pernambuco).

De maneira complementar, alguns entrevistados associam o empenho em concursos à busca por carreiras estáveis e com melhores salários, em contraponto a experiências laborais anteriores, marcadas pela insegurança e por poucas oportunidades de crescimento profissional.

Trabalhei oito anos como secretária e pensei assim: não estou progredindo. E comecei a prestar concursos públicos. Lembro que eu falava para o meu chefe, pedindo aumento de salário por causa da faculdade, e não sobrava dinheiro. Falava para ele que estava precisando de aumento para eu poder ajudar a pagar a faculdade do meu irmão, para que ele passasse de vender bolo e tivesse mais tempo para estudar. (...)

Quando fui mandada embora, pensei que tinha que fazer alguma coisa. Não conseguia ficar parada. Prestei vários concursos e de imediato não conseguia nada. Então, eu falei: preciso reformar aqui, porque essa casa estava quase a cair por conta da construção de meu pai. Vou reformar a mercearia e, conforme vou tocando a mercearia, devo ser chamada em algum dos concursos prestados (mulher, 49 anos, ensino superior completo, cidade de São Paulo).

Talvez a única coisa que me frustrou um pouco e que me deixou um pouco pensativa se eu realmente queria fazer aquilo é que, quando acabei de fazer minha parte no projeto, eles me dispensaram. E vi que no mundo dos negócios as coisas são assim também, você fez sua parte, você já pode ser dispensada, porque eles já vão ter menos gasto com você, vão ter mais lucro – afinal, o que importa é isso. Comecei a pensar: não, se é para trabalhar, então que eu passe num concurso, e as pessoas não vão me dispensar tão facilmente. (...) Eu meio que separo um tempo e estudo. Faço uma meta de estudar, por exemplo, quatro horas por dia para concurso, e aí tenho que me dedicar, assistir a aulas, essas coisas mais, que exigem uma preparação muito grande. E às vezes eu tento que seja prazeroso, mas nem sempre é, é dificultoso (mulher, 23 anos, ensino superior completo, Natal/Rio Grande do Norte).

4.3 Realização de trabalhos temporários

Por vezes, as falas evidenciam a dedicação a trabalhos temporários, permitindo o acesso a rendimentos em situações de desemprego. Da mesma forma, esta modalidade de trabalho pode estar associada a atividades profissionais que se ancoram em contratos de curta duração.

A grana da rescisão já foi, e tenho o meu seguro-desemprego – eu era CLT [Consolidação das Leis do Trabalho] – a partir do mês que vem, e estou assim: desesperadamente atrás de *freela* [*freelance*]. Estou num período assim, para pegar *freela* de qualquer tipo, então estou pegando *freela* de umas bostas aí (...) de *social media*, transcrição de roteiro, essas paradas. Meu plano é: viver de *freela* durante o seguro-desemprego, senão eu perco o seguro-desemprego, para complementar a renda. Viver de *freela* esses três meses, mais ou menos, e depois procurar um emprego (homem, 40 anos, ensino superior completo, cidade de São Paulo).

Minha vida é isso aí. Minha vida sempre foi essa aí. Eu faço uma coisa aqui, outra ali, outra acolá, nunca paro em nada, não. Eu não consigo parar em nada (homem, 43 anos, ensino fundamental incompleto, Salvador/Bahia).

Antes de eu entrar aqui, passei cinco meses desempregada, sem estar de carteira, de coisa, mas eu fazia meus biquinhos, fazia minhas faxinas de casa. Mas eu queria um trabalho de carteira assinada, eu ia embora com a minha garrafinha (mulher, 36 anos, ensino fundamental completo, Manaus/Amazonas).

Fiz vários *freelas* em diversas áreas. Desde *freelas* em *design* gráfico mesmo, porque aí eu comecei a exercer a profissão nessa área, na *startup*. Foi nesse momento que comecei a exercer a profissão de *designer* gráfico mesmo, e cheguei até a fazer um *freela* em cinema. Porque, como estava muito familiarizada com estúdio de fotografia e produção de moda, pois eu trabalhava com isso diretamente e frequentemente, fui chamada para ser assistente de figurino de um curta-metragem (mulher, 27 anos, ensino superior completo, cidade de São Paulo).

4.4 Investimento no próprio negócio

Os indivíduos podem também direcionar recursos ao desenvolvimento do próprio negócio, contando com montantes de investimento variados.

Tive que abrir a minha empresa. A [nome da empresa], eu tive que abrir nesse momento porque, na verdade, eu não era funcionária dele, eu recebia comissão. E aí tive que montar a agência, que na verdade não era uma agência, era uma empresa de uma pessoa só naquele momento. Precisei começar a entender um pouquinho sobre como abrir uma empresa, os tributos que tinham que ser pagos, e me proporcionou essa possibilidade. Aí eu fui trabalhar lá. Enfim, fiquei um tempo lá, mas acabou que não deu certo. E eu, na verdade, captei para um dos meus antigos empregadores, que, na época, era a Claro. Fizemos alguns eventos e algumas ações via [nome da empresa], que se chamava na época, e acabou não dando certo. A própria Claro me incentivou a montar a minha agência, porque ela queria efetivamente trabalhar comigo. E isso foi bom porque me deu certa tranquilidade para começar já com um cliente, vamos dizer assim (mulher, 46 anos, ensino superior completo, cidade do Rio de Janeiro).

Depois que o escritório voltou a funcionar de novo, aí eu não quis mais. Peguei e procurei uma banca lá na feira para mim mesma – aluguei e comecei a trabalhar para mim mesma. Comecei a fazer suco, arranjei mais duas meninas para trabalhar para mim. Eu fazia suco, elas vendiam (mulher, 47 anos, ensino médio completo, Manaus/Amazonas).

Se ocasionalmente os empreendimentos são fruto apenas da iniciativa pessoal, em alguns casos abarcam investimentos mais amplos, seja pelo compartilhamento dos esforços de criação e gestão, seja pelo suporte material que garante tal empreitada.

Não, quando terminei a faculdade montei um consultório. (...) Teve uma época em que eu não aguentava pagar aluguel de consultório, aluguel de casa, e pensei: gente, eu ganho bem, mas vai tudo, eu não tenho dinheiro nem para ir passear, fazer uma viagem. O que eu fiz, então: voltei para a casa dos meus pais e fui subalugar uma sala num consultório montado, né? Daí consegui respirar, fazer um dinheirinho e tal (mulher, 58 anos, ensino superior completo, cidade de São Paulo).

Para poder abrir uma clínica para mim. Como o [nome], meu noivo, está fazendo biomedicina, a ideia é justamente juntar o curso dele com o meu e a gente ter uma clínica onde eu possa fazer os atendimentos e ele dar encaminhamento à parte laboratorial, e a gente trabalhar com isso, sem ter patrão (mulher, 28 anos, ensino superior completo, Recife/Pernambuco).

4.5 Submissão de currículos

Alguns entrevistados relataram a submissão de currículos como principal repertório para a obtenção de empregos. Nos casos seguintes, a entrega de currículos se dá de maneira aleatória, como uma tentativa difusa em diversas ocupações.

Eu botei currículo, fui chamada, aí pensei que ia ser o meu emprego no motel, sabe? De camareira. Mas ainda não foi esse, então para mim assim é mais difícil, sabe? Sem emprego, sem renda, só o Bolsa Família, que é fixo, mas qualquer hora pode perder, está entendendo? (...) No momento, botei meu currículo, fui chamada para a entrevista do motel ali. Como é que eu posso dizer? Num sei, até hoje eu aguardo, né? Mas já faz mais de mês. Acho que não, acho que é porque, como eu estou dizendo, eu chorei lá na hora, ela começou a perguntar da família (mulher, 43 anos, ensino fundamental incompleto, Natal/Rio Grande do Norte).

Depois que eu fiquei desempregada, foi mais correndo atrás do trabalho mesmo, botando currículo aqui, currículo em empresa (mulher, 25 anos, ensino fundamental incompleto, Salvador/Bahia).

Estou distribuindo currículo em obra, porta a porta, mandando por *e-mail*, para sindicato. Tudo que você pensar eu estou tentando, porque o custo de vida de Salvador é muito alto. Manter isso é muito alto (homem, 24 anos, ensino superior completo, Salvador/Bahia).

Já outras falas atrelam a submissão de currículos à mobilização de contatos pessoais, facilitando o acesso a informações e a entrada em processos seletivos.

É, um amigo chamado [nome]. Na época, uma assistente que atuava no Borel foi divulgando, né? Que o programa estaria aberto para vagas para agentes, agentes de campo. E as vagas estariam abertas e eu me candidatei. Mandei um *e-mail*, com currículo, uma carta, é... como era o nome da carta? Carta de intenção, isso. E fui chamada para a entrevista (mulher, 26 anos, ensino médio completo, cidade do Rio de Janeiro).

Hoje em dia uns não trabalham, outros são desempregados. Às vezes, muitos deles chegam para mim: “Leva meu currículo lá para a empresa onde tu trabalhava, vê se podem me chamar”. (...) Me fizeram a proposta para ir botar o currículo lá, botei o currículo e fui chamado. Só saí porque infelizmente a empresa fechou, se não fosse isso ainda estava lá (homem, 23 anos, ensino médio completo, Olinda/Pernambuco).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa abordou como os indivíduos lidam com o desemprego, conjugando diferentes procedimentos metodológicos para analisar a estratificação educativa da procura laboral. Pelos resultados, é lícito afirmar que a escolaridade segmenta o mercado de trabalho e condiciona as chances econômicas dos trabalhadores, servindo de base para a formação de expectativas e para as tomadas de decisão (Kodde, 1998; Nickell e Bell, 2014). Assim, se o “fardo de bem-estar” decorrente das taxas de desemprego não se dilui uniformemente no interior da força de trabalho (Morgenstern e Barrett, 1974), a pesquisa se dedicou a um aspecto desse problema, contribuindo com uma discussão sistemática sobre escolaridade e procura por empregos.

Inicialmente, apresentaram-se dados da PNAD Contínua, demonstrando que os repertórios informais se fortaleceram durante o período econômico recessivo (e se consolidaram durante a recuperação), em detrimento dos vínculos institucionais. Outrossim, existe uma associação significativa entre escolaridade e providências de procura por trabalhos, sendo que as providências informais se mostraram mais frequentes nos níveis educativos elementares, pautados sobretudo pelo contato com empregadores e pela ajuda de parentes, amigos ou colegas.

Para compreender esses resultados, alguns aspectos merecem atenção. Certos repertórios, como o engajamento em concursos públicos, estão condicionados a requisitos escolares mínimos, restringindo a participação de desempregados sem ensino médio ou ensino superior. Em contrapartida, as instituições de intermediação se mostraram mais importantes nos níveis menos escolarizados, em uma tendência já apontada por Guimarães *et al.* (2017), ainda que a frequência desse repertório tenha sido baixa quando comparada à mobilização de contatos informais. Além disso, o questionário da PNAD Contínua não capta a efetividade das providências em si, mas qual delas era considerada pelos indivíduos a mais relevante. Algumas estratégias, como a aplicação em concursos públicos ou o uso de agências de intermediação, assumem um caráter esporádico e difuso no decorrer de um longo período de desemprego, enquanto a assistência informal depende do fluxo de informações e favores entre desempregados e seus amigos ou familiares. O contato direto com o empregador

representa, por seu turno, um cenário amplamente desfavorável, a forma mais simples e rotineira de manter contato constante com o mercado de trabalho, mesmo que à distância (como por *e-mail*) ou em face de rejeições, o que explica os altos índices dessa medida.

Em seguida, fez-se uso do banco de dados da pesquisa Radiografia do Brasil Contemporâneo, classificando, por meio de um procedimento estatístico e indutivo, os vocabulários de entrevistas selecionadas. Os resultados revelaram uma cisão dos discursos, traduzindo, de um lado, a formação escolar e os investimentos de longo prazo, associados ao ensino superior completo, e, de outro, os repertórios instáveis e imediatos de procura por empregos, caracterizados pela insuficiência de recursos e associados aos níveis escolares mais baixos. O esforço foi complementado pela codificação manual das falas, produzindo cinco categorias: utilização de contatos pessoais; engajamento em concursos públicos; realização de trabalhos temporários; investimento no próprio negócio; e submissão de currículos. Essas categorias suscitaram alguns elementos relevantes.

- 1) Nota-se a importância dos relacionamentos interpessoais, a partir da mobilização de contatos, do acesso a informações privilegiadas e do usufruto de suporte, tanto financeiro quanto afetivo. Esse tema assumiu uma abrangência maior que na etapa da PNAD Contínua, visto que, aqui, os contatos informais foram examinados para além da indicação de empregos, abarcando também a importância dos vínculos informais em garantir as condições para a mobilização de estratégias de emprego, como no apoio material à realização de concursos.
- 2) A temporalidade dos repertórios de inserção ocupacional apresentou manifestações distintas entre os perfis educativos. Se em estratos menos escolarizados a procura por trabalhos se desenrolou como uma necessidade imediata, nos grupos com maior formação educativa verificou-se a elaboração de planejamentos de médio e longo prazo, manifestos especialmente na qualificação e na dedicação a concursos públicos.
- 3) Mesmo que agrupadas em um mesmo tema, as falas apresentaram significados bastante divergentes. No que diz respeito aos trabalhos temporários, a distinção entre “bicos” e *freelances* contrapõe, respectivamente, atividades emergenciais em situações de desemprego, desenvolvidas por indivíduos com baixa escolaridade, e trabalhos autônomos e de curta duração sem vínculo empregatício estável, dados a cabo por indivíduos com graus mais elevados de formação. O mesmo fator despontou no investimento no próprio negócio, levando em conta a quantidade de recursos disponíveis ao indivíduo e à sua família, bem como o tempo investido para sua efetivação.

Pela reunião desses achados empíricos, a escolaridade se apresentou como um indicador essencial para a procura laboral, condicionando os ativos passíveis de mobilização e impactando os mapeamentos, tanto pessoais quanto familiares, dos postos de trabalho disponíveis e das estratégias de ingresso passíveis de persecução.

REFERÊNCIAS

- GUIMARÃES, N. Por uma sociologia do desemprego. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 50, p. 103-183, out. 2002.
- GUIMARÃES, N. *et al.* Os pobres e o acesso ao trabalho: entre a ação pública e o interesse privado. **Novos Estudos Cebrap**, v. 36, p. 83-105, jul. 2017.

KODDE, D. Unemployment expectations and human capital formation. **European Economic Review**, v. 32, n. 8, p. 1645-1660, Oct. 1998.

MORGENSTERN, R.; BARRETT, N. The retrospective bias in unemployment reporting by sex, race and age. **Journal of the American Statistical Association**, v. 69, n. 346, p. 355-357, 1974.

NICKELL, S.; BELL, B. The collapse in demand for the unskilled and unemployment across the OECD. **Oxford Review of Economic Policy**, v. 11, n. 1, p. 40-62, 2014.

RAMOS, C.; LOBO, V.; ANZE, V. A importância alocativa das políticas de emprego. **Mercado de Trabalho**, v. 58, n. 21, p. 37-50, abr. 2015.